

**Em defesa de Elisa Lynch: Autobiografia e biografias no embate de memórias sobre a
Guerra do Paraguai**

NATANIA NERES DA SILVA*

A Guerra do Paraguai (1864-1870), ou Guerra da Tríplice Aliança, foi o maior conflito armado ocorrido entre os países do Cone Sul, tanto pelo seu custo humano, como pela sua duração. Como sugere a historiadora Maria Teresa Garritano Dourado, a partir de reflexões de José Murilo de Carvalho, as histórias militar, política e diplomática da guerra são relativamente conhecidas, porém o esforço para conhecer a atuação das mulheres ainda é pequeno entre os historiadores, muito embora a presença delas nas fileiras dos exércitos tenha sido considerável, principalmente no Paraguai (DOURADO, 2002).

Apesar da importante participação de mulheres de camadas sociais mais baixas, uma das mulheres que mais chamou a atenção por sua atuação direta na Guerra do Paraguai foi Elisa Alicia Lynch. Nascida na Irlanda, Lynch dirigiu-se ao Paraguai em razão de seu relacionamento afetivo com Francisco Solano López, que a conheceu durante uma viagem diplomática à Europa antes de se tornar presidente do país. Apesar de ter permanecido ao lado de López até a morte dele em 1870, no final da guerra, o casal nunca chegou a oficializar um casamento, uma vez que Elisa já havia se casado anteriormente com o militar do exército francês Xavier Quatrefages.

Este artigo se insere numa agenda de pesquisa mais ampla, na qual realizo uma investigação sobre a construção de memórias sobre a Elisa Lynch, através de textos biográficos sobre a personagem¹. Apesar do *corpus* documental ser relativamente amplo, este trabalho trará uma reflexão inicial em cima de três fontes primárias: o folheto autobiográfico de Elisa Lynch, denominado “Exposición y Protesta”, escrito em 1875, e duas biografias, a primeira publicada em 1958, denominada “Madama Lynch”, do escritor francês Henri Pitaud, e a segunda denominada “Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai”, publicada em 2009 pelos autores irlandeses Michael Lillis e Ronan Fanning. O principal objetivo deste artigo é avaliar de que modo o escrito autobiográfico influenciou a leitura posterior que os autores fizeram sobre Elisa Lynch.

Durante os anos nos quais a Guerra da Tríplice Aliança perdurou, Elisa Lynch teve uma participação ativa na guerra, principalmente pelo fato de ter acompanhado o marechal López

* Bacharela e licenciada em História pela Universidade de São Paulo.

¹ Dentre os principais textos biográficos sobre Elisa Alicia Lynch, é possível citar: (BAPTISTA, 1986); (BLOMBERG, 1942) e (DECOUD, 1939).

até a sua morte em Cerro Corá. Além de sua atuação direta no conflito, Elisa Lynch também chamou a atenção dos legionários² e da imprensa portenha e brasileira por não ser casada oficialmente com Solano López e por ter um passado considerado nebuloso. Entre os elementos que mais atraíram a atenção de seus críticos está o fato de a personagem ter sido casada anteriormente, além do boato (nunca efetivamente comprovado) de que Elisa teria atuado como cortesã de luxo no período entre a separação de seu esposo até o momento em que conheceu López.

Em razão de seu papel polêmico na história do Paraguai, as construções e reconstruções de sua trajetória parecem acontecer em cima de uma dualidade bastante interessante: enquanto em alguns textos ela é compreendida como uma mártir, a grande companheira de Solano López, que adotou o Paraguai como uma segunda pátria, em outras abordagens a personagem é apresentada como uma cortesã ambiciosa, sedenta por sangue e com influência decisiva sobre os atos políticos do marechal. Essa alternância de imagens sobre a Elisa Lynch oferece indícios de como a Guerra da Tríplice Aliança passou – e ainda passa – por um processo de recuperação e ressignificação, que atendia – e ainda atende – a objetivos políticos e ideológicos muito diversos, chegando a respingar na historiografia sobre o conflito.

Como nos mostra Francisco Doratioto, um dos principais historiadores sobre a Guerra da Tríplice Aliança na atualidade, a geração daqueles que viveram o conflito, aliados e paraguaios, não analisava positivamente os atos de Solano López, tanto no desencadeamento da guerra com a invasão do Mato Grosso, como em sua estratégia militar. Segundo Doratioto, foi a partir desta geração que surgiu a historiografia tradicional sobre a guerra, que simplificava as causas do conflito ao atribuir toda a responsabilidade possível a Solano López (DORATIOTO, 2002b: 17-21). De forma semelhante ao seu companheiro, Elisa Lynch se tornou alvo ainda mais fácil de uma série de represálias e acusações com o final da guerra: além de ser expulsa do país, ela também teve a grande maioria dos seus bens confiscada, se tornou protagonista de biografias maledicentes e foi mencionada de forma pejorativa em

² A Legião Paraguaia era composta por paraguaios que lutaram juntamente com os aliados durante a guerra para derrotar o marechal López. No revisionismo histórico sobre a Guerra da Tríplice Aliança, iniciado no começo do século XX no Paraguai, a guerra foi reinterpretada a luz de autores nacionalistas, que encaravam a derrota paraguaia como o fim da época de ouro do país, cujos inimigos foram não apenas os aliados, mas também os legionários (LAMBERT, 2013).

relatos de oficiais militares, além de ter sido alvo de charges e publicações em diversos jornais³.

Diante das difamações que eram repetidas contra ela e do embargo de seus supostos bens, Elisa Lynch então decidiu retornar a Assunção em 1875 para reivindicar suas propriedades. Sem sucesso, foi ameaçada e expulsa novamente do país e, furiosa, escreveu o folheto autobiográfico denominado “Exposición y Protesta” (LYNCH, 2009), onde procurou se defender das acusações que lhe eram feitas e exigir a devolução das propriedades. O texto é bastante curto – soma cerca de 40 páginas –, e foi escrito no calor dos acontecimentos, razão pela qual Elisa Lynch prometeu que posteriormente escreveria uma autobiografia completa, o que ela não fez, muito embora um dos biógrafos trazidos a seguir se apoie fartamente nessa promessa.

O texto é dividido em duas partes. Enquanto na segunda Elisa Lynch apresenta uma lista com trinta e duas propriedades que lhe foram despojadas, mostrando a intenção de tentar recuperá-las no futuro, na primeira parte ela trata principalmente das supostas calúnias e injustiças que foram cometidas contra sua pessoa. Dentre as questões que mais perpetraram as declarações e escritos de seus opositores, estão o casamento de Elisa com Quatrefages, a possibilidade de ter sido cortesã e, por fim, a suposta influência que ela teria exercido sobre a política de López. Em relação aos dois primeiros pontos, Elisa apenas se limitou a responder as acusações, mostrando que seu casamento havia sido anulado ainda em 1853 e que em 1854 já estava em Buenos Aires, a caminho de Assunção, portanto não teria tido tempo hábil para ser cortesã.

No entanto, foi sobre o seu suposto envolvimento nas ações políticas de López que Elisa Lynch mais se debruçou em seu texto; afinal, se distanciar das ações de seu companheiro era o argumento que lhe garantiria alguma possibilidade de sucesso na reivindicação de suas propriedades naquele momento⁴:

³ Os periódicos que fizeram publicações, textuais e/ou iconográficas, que criticavam abertamente Elisa Lynch são múltiplos, então sem pretensão de fazer uma listagem exaustiva, é possível citar o jornal carioca “Semana Ilustrada”, o jornal paraguaio “La Reforma” e os periódicos argentinos “El mosquito” e “La tribuna”. Este último periódico era editado pelo jornalista Hector Varela, conhecido como Orion, autor da primeira biografia conhecida sobre a personagem. A obra, publicada pouco após o final da guerra do Paraguai, foi escrita a partir dos acontecimentos que Varela presenciou durante a sua visita ao Paraguai na década de 1850, quando Solano López ainda não era presidente do país (VARELA, 1870).

⁴ É necessário destacar que essa postura de Elisa Lynch, de procurar se distanciar das ações políticas do marechal López era fundamental para que existisse alguma possibilidade de recuperar suas propriedades no contexto pós-guerra. Pouco antes de morrer, Elisa transferiu seus supostos direitos de posse para o seu filho mais velho, Enrique Venancio Solano López em 1885. Ao tentar reaver as terras de sua mãe, entre o final do século XIX e o

“Alheia aos fatos da administração do marechal López e à sua política, não me envolvi em qualquer coisa durante a guerra além de cuidar dos feridos e das famílias daqueles que acompanharam o exército, procurando diminuir seu sofrimento; nem por isso deixo de aceitar a responsabilidade que queiram me atribuir na defesa que o povo paraguaio fez de seus direitos e de seu território.”
(LYNCH, 2009: 265)

É muito importante observar a postura de Elisa Lynch em sua defesa: em momento algum ela critica o Paraguai ou o povo paraguaio por sua situação, muito pelo contrário. O povo paraguaio teria acompanhado o seu líder, o marechal Solano López até o fim em Cerro Corá, em razão de um patriotismo sem igual. E, além disso, mesmo com a derrota paraguaia pelos aliados, o povo ainda guardava lembranças positivas da época em que o país era governado por López. Isso fica especialmente claro quando Elisa Lynch apresenta parte de seu diário de viagem, no qual narra a recepção calorosa que obteve da população paraguaia ao desembarcar em Assunção:

“O cais estava literalmente abarrotado de gente, e todos, sem nenhuma exceção, me dirigiam afetuosas saudações. (...) Dali segui também a pé, rodeada de pessoas que me abraçavam, beijavam e apertavam minhas mãos; todos e todas queriam tocar-me e falar comigo, e todos tinham um cumprimento afetuosos para me fazer.”
(LYNCH, 2009: 287)

As afirmações de que o povo paraguaio obedecia passivamente a López são aceitas tanto por seus apreciadores como por seus críticos; um exemplo muito importante é o historiador *antilopizta* Guido Rodriguez Alcalá, que atribui a obediência excessiva à “idiotização” ao qual o povo foi sujeito durante a ditadura (ALCALÁ, 2007: 19-39). De qualquer forma, apesar de ter sido bem recebida, Elisa Lynch foi ameaçada várias vezes e expulsa do país apenas quinze horas depois de sua chegada. A sua revolta, então, se direciona as elites política e econômica de Assunção, às quais acusa de confiscar seus bens e dividi-los entre si. Além disso, o segundo alvo principal das reclamações dela foi o presidente Juan Bautista Gill, que apesar de ter prometido, por meio de diversas cartas, que garantiria os seus direitos no Paraguai, expulsou Lynch do país após um grupo de famílias fazerem essa exigência. Por fim, ela declara que saiu do Paraguai com a impressão de que os anos de difamação não haviam sido suficientes para mudar a relação de afeto que o povo paraguaio

começo do XX, Enrique Solano López adotou uma postura oposta: além de procurar se aliar com paraguaios influentes para regenerar a imagem política do marechal e conseguir revogar o decreto de 1869, que confiscou os bens de López e declarou-o traidor da pátria, procurou estimular um ambiente político mais favorável aos seus anseios (DORATIOTO, 2002b: 79-96).

nutria com ela, e que o novo governo violava a Constituição do país, uma vez que ela havia sido expulsa sem julgamento prévio.

Como já foi mencionado no início deste artigo, na época da publicação deste texto, predominava a compreensão tradicional de que a Guerra da Tríplice Aliança tinha sido resultado das políticas megalomaniacas do “desequilibrado” Solano López. Por isso, as declarações de Elisa não foram realmente levadas a sério nesse momento, e ela não conseguiu reaver seus bens, vivendo de forma mais modesta na França até morrer em 1886. No entanto, acredito que as afirmações dela guardam uma relação profunda com o revisionismo historiográfico sobre a guerra, iniciado no começo do século XX e encabeçado por Juan O’Leary⁵. A partir de então, alguns autores começavam a avaliar a guerra como uma desastrosa consequência dos anseios anexionistas do Brasil e da Argentina sobre o Paraguai, não mais como um resultado da incompetência e/ou megalomania de López.

Para Peter Lambert, a necessidade de um revisionismo surgiu por causa da instabilidade política que predominou durante a Era Liberal (1904-1932), por isso logo no início do século XX já era possível enxergar vozes dissonantes (LAMBERT, 2013). Além disso, o “projeto político de revisão da história nacional encontrou um eco na memória coletiva, porque ele dava um sentido épico a essa tragédia incompreensível e indizível que fora vivida pela maioria” (CAPDEVILA, 2005: 133). Contudo, se as ações de Solano López foram avaliadas de forma mais positiva já no início do século por certos setores da sociedade paraguaia, através dos esforços de seu filho, Enrique Venancio Solano López e de Juan O’Leary (DORATIOTO, 2002a: 18-22), a reabilitação da figura de Elisa Lynch demorou um pouco mais para acontecer⁶.

Relatos biográficos posteriores

Segundo o historiador francês François Dosse, em seu livro “O desafio biográfico”, a biografia costuma revelar muito mais sobre o seu próprio autor e o contexto em que ele está imerso, do que a respeito do biografado em si. Nos dois casos que pretendo analisar adiante,

⁵ Juan E. O’Leary é conhecido como um dos principais integrantes do movimento conhecido como “Generación del 900” ou “Novecentismo Paraguayo”, que unia vários intelectuais para tentar criar uma nova consciência histórica. Apesar desses intelectuais procurarem reinterpretar o passado a luz de questões que viviam no presente, nem todos tinham os mesmos posicionamentos políticos e nem as mesmas interpretações sobre o passado (LAMBERT, 2013).

⁶ Apesar de Elisa Lynch ter sido defendida de várias acusações por alguns autores, como o General McMahon, Juan O’Leary e Arsenio Lopez Decoud, a memória predominante sobre Elisa Lynch parece ter permanecido semelhante e relativamente estável até a ascensão do General Stroessner ao poder.

as biografias manifestam o posicionamento dos escritores em relação à Elisa Lynch, mas também revelam suas interpretações sobre a Guerra da Tríplice Aliança e, conseqüentemente, um apoio a um determinado projeto político. Diante da pluralidade de reconstruções possíveis sobre um determinado personagem, os escritos autobiográficos adquirem uma importância fundamental para o biógrafo, porque transmitem a ilusão de que é possível atingir o lado mais íntimo do personagem retratado, permitindo uma reconstituição autêntica do passado (DOSSE, 2009).

Um dos principais momentos em que a figura da Elisa Lynch foi recuperada, assim como seu relato autobiográfico, foi durante o governo do ditador Alfredo Stroessner (1954-1989). Stroessner se apoiou enormemente na recuperação da personagem, e se apresentou como herdeiro político de López, o grande símbolo do nacionalismo sob o qual o regime se assentou (LAMBERT, 2013). Esse nacionalismo *lopizta* se impôs com farto apoio de instituições estatais, através da perseguição do pensamento crítico nas universidades, pela censura à imprensa e por meio de grande propaganda ideológica (DORATIOTO, 2002a: 21). Em relação especificamente à Elisa Lynch, um dos passos mais interessantes do ditador foi o traslado dos seus restos mortais, que até então se encontravam na França, para o cemitério “La Recoleta” de Assunção, em 1961. Na sepultura onde os restos mortais de Elisa foram depositados, foi construída uma grande estátua, na qual a personagem é representada de forma ativa, frente aos túmulos de Solano López e Panchito, seu filho primogênito que morreu junto ao pai em Cerro Corá, ambos enterrados por suas próprias mãos (FANNING; LILLIS, 2009: 189).

Nesse processo político de invocação nacionalista de Solano López e de reabilitação da Elisa Lynch, uma das biografias que considero mais importantes sobre ela foi publicada em 1958, logo nos primeiros anos do período Stroessner. Escrito pelo autor francês Henri Pitaud, o livro “Madama Lynch” se propõe a recontar a trajetória de Elisa Lynch através da ótica da própria personagem: narrada em primeira pessoa, a publicação se coloca como a autobiografia que Lynch prometeu escrever em “Exposición y Protesta” (PLÁ, 2007: 32).

Ao longo da biografia, vê-se uma heroína romântica, uma mãe exemplar de admirável fidelidade e amor incondicional ao Solano López e à sua pátria adotiva. Ainda que a sua relação não fosse legalmente um casamento, Elisa Lynch mostra-se, nesta obra, como uma mulher íntegra e com uma moralidade muito mais sólida do que daquelas senhoras da elite

paraguaia que a acusavam de ter sido cortesã⁷. A sua fidelidade é tão grande que ela aceita as traições de Solano López e ainda cuida dos filhos que ele teve com outras mulheres. Além disso, Elisa também é representada como uma mulher extremamente bondosa, que ajuda os pobres e necessitados, e ainda cuida dos feridos da guerra, sendo reconhecida carinhosamente pelo povo.

Tudo, em “Madama Lynch”, parece se resumir ao amor absoluto que Elisa sentia por López e ao Paraguai. Confirmando as informações apresentadas em “Exposición y Protesta”, Elisa não se envolve em nada que diga respeito à política do marechal, ela se resume a acompanhá-lo, mesmo nos piores momentos. Como um relato escrito na posteridade e que se pretende uma autobiografia, é interessante notar em Elisa, e mesmo em López, uma consciência e clareza absoluta do que vai acontecer. Um diálogo imaginado entre López e Elisa, em plena guerra, demonstra isso claramente:

– *¡Elisa! Cuando deje de existir, recordarás y serás un testimonio para nosotros, los muertos... Nunca son los vencidos quienes escriben la historia... Para justificar su guerra, los aliados me cubrirán de injurias... Habrán librado al Paraguay del tirano... Los periodistas de la Triple Alianza cantan ya esa canción... ¡Elisa! Debes irte del Paraguay, mientras hay tiempo aún. (...)*

– *¡Solano, hace doce años que uní libremente mi vida a la tuya, para lo mejor y para lo peor! Todo lo acepté de antemano: la alegría, el sufrimiento. He compartido un poco tus pesares... y también tu gloria... Me has dado una vida regalada... Hemos reído juntos las noches de alegría; hemos llorado juntos sobre una tumba... Caminaré contigo en los días sombríos de tu patria, que es la mía... ¡No, Solano! ¡Te suplico que no insistas! Me quedaré contigo hasta el último día... Te amaré hasta la muerte... Nada... nada... nos separará... Tu destino será el mío.”*
(PITAUD, 1971:151-152)

Além de demonstrar a fidelidade absoluta de Elisa a López, este trecho também trás uma interpretação diferenciada sobre a guerra, na qual Solano López é apresentado como um herói que procurava resistir ao Brasil e à Argentina, que desejavam anexar a maior parte do território paraguaio. O teor nacionalista é muito forte e pode ser confirmado em diversas outras passagens da obra. Além do texto em si, cuja terceira edição foi dedicada ao general

⁷ Um dos exemplos mais interessantes que é possível citar é o retrato criado por Henri Pitaud de Dona Purificación Jiménez Bermejo, mais conhecida como Doña Pura, uma grande inimiga de Elisa Lynch. Embora responsável por dar início a um projeto de reforma moral para a elite paraguaia, Doña Pura Bermejo foi retratada como por Pitaud uma mulher adúltera e dissimulada.

Alfredo Stroessner, o livro ainda contém um elogioso prólogo escrito por Juan O’Leary, um dos autores mais importantes deste revisionismo histórico sobre a guerra.

A segunda e última biografia trazida neste trabalho foi publicada em 2009 por Michael Lillis e Ronan Fanning, dois pesquisadores irlandeses. Procurando fazer uma reconstrução *verídica* de Elisa Lynch, os autores pretendem se afastar dos mitos e das supostas calúnias criadas em cima de Lynch, palavra que a personagem tanto repete em seu folheto autobiográfico. É precisamente por esse motivo que os pesquisadores decidiram nomear a obra como “Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai”.

Apesar do principal objetivo do livro ser a reconstrução da trajetória de Elisa Lynch, os autores também discutem as razões mais aceitas atualmente para explicar a guerra, responsabilizando todos os lados do conflito pela tragédia, numa linha historiográfica mais atual sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Segundo eles, esse capítulo da história paraguaia permanece na memória de muitos paraguaios como uma ferida aberta, por isso a reconciliação entre o Brasil e o Paraguai é essencial. Nessa chave argumentativa, eles comparam a difícil relação entre o Brasil e o Paraguai com as relações estabelecidas entre a Grã-Bretanha e a Irlanda, quando a primeira recusou-se a oferecer ajuda no período conhecido como a Grande Fome. Apesar de esta não ser uma questão fundamental neste artigo, é importante destacar a relação que os autores criam entre o nacionalismo paraguaio e o nacionalismo irlandês.

Para os autores, o ato simbólico de Tony Blair, primeiro-ministro britânico em 1997, de pedir perdão à Irlanda por esse episódio melhorou sensivelmente as relações entre as duas regiões, por essa razão os autores acreditam que o Brasil deveria reconhecer o seu papel na devastação do Paraguai para, assim, reconciliar os povos destes países. Sem entrar em muitos detalhes, essa biografia inspirou um documentário lançado em 2013, denominado “Eliza Lynch”. Na *première* do filme, Michael Lillis reforçou claramente os laços que procurava estabelecer com o Paraguai em seu discurso dedicado ao presidente Federico Franco, mostrando que a Irlanda havia sofrido de maneira similar ao Paraguai, em sua relação com a Inglaterra⁸,

Para além dessas questões iniciais, é necessário reconhecer que o livro “Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai” foi fruto de uma extensa pesquisa, e que os autores procuram sempre apresentar com bastante clareza os caminhos trilhados ao longo da investigação.

⁸ A fala de Michael Lillis está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kvwuj9d5-SQ>>. Acesso em 17 de junho de 2015.

Embora possua uma base documental e bibliográfica importante, a obra ainda tem a pretensão de fazer uma reconstrução verídica e mais apurada sobre a trajetória da Elisa Lynch. Apesar de ser um dos principais trabalhos atuais sobre Lynch, a possibilidade de atingir uma verdade absoluta a respeito da trajetória de qualquer personagem é altamente questionável e guiada por aquilo que Pierre Bourdieu denominou como ilusão biográfica⁹. No caso específico de Elisa Lynch, as variadas reconstruções sobre sua trajetória são fortemente vinculadas a posições políticas e ideológicas diferentes.

O livro “Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai” ainda peca bastante no aspecto bibliográfico: em diversos momentos os autores fazem longas afirmações sem apresentar a bibliografia consultada, ou fazem uso acrítico das fontes primárias. Esses dois pontos são particularmente verdadeiros no capítulo “A última traição: a volta a Assunção”, no qual os pesquisadores quase não utilizam outras fontes além do texto “Exposición y Protesta” para discutir o retorno e a expulsão de Lynch do Paraguai¹⁰. Essa parte do livro é basicamente um resumo comentado do folheto, não há qualquer questionamento da possibilidade dela ter sido amada e bem recebida pelos paraguaios e os autores aceitam com facilidade a argumentação dela de que seus únicos e verdadeiros inimigos eram aqueles que se apossavam de seus bens:

*“Por que, sob os decretos de 1869 e 1870, o governo não a levou a julgamento?”.
Mais uma vez, só nos resta concordar com a conclusão de que Elisa estava
provavelmente próxima da verdade e tinha pelo menos “parte da resposta: os
homens do governo não ousavam arriscar-se a perder as propriedades confiscadas
de Lynch e López.”” (FANNING; LILLIS, 2009: 226)*

A Elisa Lynch que Ronan Fanning e Michael Lillis pintam é uma mulher injustiçada, porém corajosa e extraordinária, por causa da forma como enfrentou as circunstâncias que foi obrigada a lidar. Além disso, eles também a apresentam, da mesma maneira que Henri Pitaud, como uma mulher apaixonada e completamente fiel a Solano López, posto que ela o acompanhou em todos os momentos, até a sua morte. A sua ingerência nas atitudes de López, nesta obra, teria se resumido somente a ajudar no cuidado com os feridos e, sempre que possível, abrandar os castigos que López infligia àqueles que considerava traidores da pátria.

⁹ Para Bourdieu, as biografias são concebidas a partir da preocupação em dar um sentido retrospectivo – e mesmo prospectivo – e esgotar incoerências entre diversos acontecimentos considerados importantes na vida de um indivíduo, de forma a costurá-los, dando-lhes uma determinada harmonia. Nesse sentido, o autor considera não ser possível escrever a vida de uma pessoa, mas criar, artificialmente, uma determinada personalidade, que se mostra através de manifestações sucessivas, que possuem uma determinada relação inteligível (BOURDIEU, 2000).

¹⁰ Essa ausência de fontes complementares não se justifica, pois o retorno de Elisa Lynch ao Paraguai foi coberto por vários veículos de imprensa da época, por exemplo.

Nessa linha argumentativa, eles chegam a apresentar um trecho de um livro de Arturo Bray, historiador e parente de Elisa, no qual ele mostra o quanto ela era generosa com as pessoas simples e procurava, sempre que possível, atenuar os excessos de López:

“Um dia em Paso Pocu, o oficial intendente Sabas Riquelme, do Estado-Maior geral, foi condenado à morte por ter respondido rudemente ao marechal [...] Determinada a salvá-lo, Elisa instruiu o pequeno Leopoldo, a quem o pai adorava, a não comer nada à mesa e até mesmo recusar o pedaço de bolo de mandioca que o pai trazia todos os dias a seu companheirinho para o café da manhã, até que o homem acusado fosse perdoado. Leopoldo seguiu à risca as instruções da mãe, recusando-se repetidamente a comer qualquer coisa, até que, por fim, o marechal, descobrindo a causa de tão singular greve de fome, perdoou Riquelme, não sem antes esbravejar dizendo “Que isto nunca mais se repita”.” (FANNING; LILLIS, 2009: 177)

Assim, por mais que os Lillis e Fainnig procurassem contrastar “Exposición y Protesta” com outras fontes, na busca da “verdade”, no final das contas a imagem que eles constroem da personagem foge muito pouco do que ela mesma apresentou sobre si em 1875. A única divergência que parece ser realmente importante é em relação à tese de que Elisa Lynch teria sido cortesã, a qual os autores declaram ser inconclusiva por falta de evidências documentais sólidas. Porém, neste caso, eles ainda parecem favoráveis a esta possibilidade:

“Seria extraordinário se Elisa, ciente de seus poderes de atração, legalmente solteira, sem dinheiro algum e desesperada por uma vida normal e decente, não tivesse ficado tentada a sonhar com suas chances de fazer carreira naquele resplandecente mundo. (...) pode ter pelo menos tentado experimentar aquelas águas após deixar Quatrefages no verão de 1853. E parece provável ter sido em algum canto daquele mundo que ela conheceu Francisco Solano López no primeiro ou segundo mês do ano seguinte.” (FANNING; LILLIS, 2009: 55)

Reflexões Finais

Como foi discutido acima, as tentativas de reconstrução da trajetória de Elisa Lynch, por mais que possuam um grande respaldo documental, não são dotadas de imparcialidade. Reforçando a colocação de François Dosse, as biografias de quaisquer personagens revelam questões caras ao contexto no qual o biógrafo escreve; a apresentação de um determinado sentido para a vida de uma pessoa, revelado por meio de um fio narrativo, é um ato majoritariamente retrospectivo, construído a partir da convergência ou do embate entre diferentes significantes.

As duas biografias apresentadas neste artigo foram escritas em momentos e em situações muito diferentes entre si: enquanto a primeira foi concebida com o objetivo de reforçar a autoridade simbólica de Stroessner, que se apoiava no legado político de Solano López; a última foi produzida por dois escritores irlandeses que decidiram estudar Elisa Lynch a fundo, a partir de um viés que relaciona o nacionalismo irlandês com o nacionalismo paraguaio. Outro diferencial importante é que Fanning e Lillis discutem vários relatos e biografias de forma crítica, porém sem refutá-los imediatamente como Henri Pitaud fez em sua obra. Mesmo com essas distinções, a forma como Elisa Lynch foi caracterizada nos dois trabalhos não é muito conflitante, ainda que o trabalho de Henri Pitaud seja reconhecidamente mais fantasioso. Além disso, em ambos os trabalhos também há uma influência inegável do folheto “Exposición y Protesta”, mesmo que seja em graus diferenciados.

Em termos de memória, Elisa Lynch é uma figura pouco conhecida pelos brasileiros, que também desconhecem em muito a responsabilidade do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança. No entanto, ela é uma personagem muito importante dentro do Paraguai, tanto para os *lopiztas* do Partido Colorado, que ainda hoje domina a cena política do país, como para seus opositores. Em razão desse grande destaque que Lynch possui no Paraguai, no embate de memórias sobre a personagem, qualquer posicionamento a respeito dela é atravessado por um posicionamento político e ideológico.

Referências Bibliográficas

- ALCALÁ, Guido Rodriguez. *Ideologia autoritária*. Brasília: Funag/IPRI, 2005.
- _____. (Org.). *Residentas, Destinadas y Traidoras: Testimonios de Mujeres de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2007.
- BAPTISTA, Fernando. *Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra*. São Paulo: Civilização brasileira, 1986
- BLOMBERG, Hector Pedro. *La dama del Paraguay*. Buenos Aires: Editora Inter-Americana, 1942.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2000.
- DECOUD, Hector Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Casa Editora Libreria Cervantes, 1939.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. “Guerra do Paraguai”. In: Demétrio Magnoli (org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. El nacionalismo lopizta paraguayo. *América sin nombre*, n. 4, p. 18-22, 2002(a).
- _____. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002(b).
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis. A presença feminina na Guerra do Paraguai*. 2002. 122f.. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- LAMBERT, Peter. “El discurso nacionalista en el Paraguay: Desde lo disidente a lo hegemónico”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay: Investigaciones de historia social y política. III Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2013.
- LYNCH, Elisa Alicia. “Declaração - Protesto que faz Elisa A. Lynch. Tradução: Silvana Cobucci Leite”. In: FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Op. Cit.*.
- Premiere Eliza Lynch 6-10 El escritor Michael Lillis. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kvwuj9d5-SQ>>. Acesso em 17 de junho de 2015.
- PITAUD, Henri. *Madama Lynch*. 3. ed. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1971.

PLÁ, Josefina. *La infortunada (Elisa Alicia Lynch)*. Asunción: Criterio Ediciones, 2007.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Biografias: Construção e reconstrução da memória. *Fronteiras*, Dourados, v. 11, n. 20, p. 151-166, jul./dez. 2009.

VARELA, Hector. *Elisa Lynch por Orion*. Buenos Aires: Imprenta de La Tribuna, 1870.